

## **APRENDIZAGEM TERAPÊUTICA PARA CRIANÇAS COM AUTISMO**

A partir de um caso clínico de autismo na instituição Lugar de Vida<sup>1</sup> e por meio da Educação Terapêutica<sup>2</sup>, termo cunhado por Maria Cristina M. Kupfer, a aprendizagem terapêutica é uma articulação entre psicanálise e educação. A aprendizagem pode ser constitutiva e terapêutica para as crianças com entraves estruturais em sua constituição psíquica (EECP ou EE)<sup>3</sup>, considera-se aqui o aluno-sujeito, aquele que é olhado pelas suas diferenças, quando poderia ser compreendido apenas por suas necessidades, peculiaridades e potenciais inusitados. (Kupfer et al, 2020)

Um dos principais pressupostos da aprendizagem terapêutica é o de que toda criança aprende e quer aprender. Uma vez que cada criança em seu processo de desenvolvimento apresenta um modo singular de pensar e construir conhecimento, portanto é preciso ressignificar a forma de ensinar as crianças e de transmitir a aprendizagem, pois a cada uma se alcança de um modo igualmente singular. (Kupfer; Castro, 2020)

Considerar as diferenças entre o que se deseja ensinar e o que a criança consegue aprender, traz a reflexão de que aprender produz subjetivação, não sendo reduzido apenas a uma conquista cognitiva, mas uma conquista constitutiva quando a criança está enlaçada pela vontade de aprender, no processo da aprendizagem e não somente pela consequência final de suas manifestações. Uma flexibilização no conteúdo pedagógico, pode produzir efeitos positivos para estas crianças que carecem de um lugar para emergir o que sabem, antes de corresponder as expectativas de um aluno adequado.

Existem crianças que não conseguem fazer uso da própria fala, nestes casos, estar atento a possibilidade de conexão com estas crianças, pode ser um modo de cuidado com relação ao tempo que ela precisa para manifestar algo de si. A percepção de um adulto é fundante no processo da aprendizagem, por vezes não se utilizam das palavras, mas de gestos. O reconhecimento do menor gesto de uma criança, promove uma abertura para a constituição de um sujeito.

Para Kupfer e Castro (2020), um ponto importante da aprendizagem terapêutica é considerar a lógica da linguagem de crianças com autismo, uma vez que a lógica da linguagem é a lógica do signo, quando o nome de um objeto não tenha mais do que um mesmo significado, nesta perspectiva:

Na lógica do signo, as palavras não se ancoram no corpo como ocorre com a lógica da linguagem aqui chamada de padrão. Tampouco articulam-se com a subjetividade dos outros que ensinaram essas palavras a criança. Se as

palavras proferidas pelas mães entranham na carne, no corpo da criança, e nunca mais o abandonam, na lógica do signo a ancoragem não se dá. (p. 42)

Sendo assim, se há uma ausência de articulação entre as palavras e o corpo, isso faz com que o som das palavras permaneça “desarrimados”, em que o corpo não passa pelas inscrições da linguagem, por este motivo o corpo fica reduzido a sua “dimensão instrumental” como andar e alcançar objetos, ou seja, com pouca significação. (Kupfer; Castro, 2020, p. 42).

Acerca do tratamento institucional do Outro, há uma questão fundamental a se pensar sobre a constituição psíquica das crianças autistas, cuja estrutura é outra que não a da neurose. O funcionamento da linguagem se dá por um significante isolado, o qual terá apenas o valor de signo correspondendo a um único significado, o Outro da criança, pode ficar para ela como um Outro absoluto, a criança não conseguirá compreender o que o Outro quer dela. (Kupfer; Keiko e Faria, 2010)

Lacan (1960/1998) compreende a estruturação inconsciente por uma cadeia de significantes, produzindo um saber sobre o sujeito e onde ele está localizado, sugerindo a noção de sujeito barrado (\$). Aborda que o sujeito jamais poderá advir a não ser pela articulação significante. Neste sentido, pode-se dizer que para haver o Outro inconsciente do bebê se faz necessário a instauração de significantes, pois são eles que produzirão as bases para a constituição psíquica. As produções de um sujeito ocorrem antes mesmo da produção de sua fala verbal porque se iniciam na relação com o Outro, portanto, há um infante, aquele que não fala, mas que já está assujeitado à linguagem.

Laznik (2004), ao explicar a instauração dos três tempos do circuito pulsional, diz que desde o início da constituição psíquica do bebê, o primeiro tempo ocorre através de suas primeiras impressões do mundo, a criança passa a apreender o Outro de forma sígnica, sendo este o momento que Freud chama de marcas mnêmicas. Compreende-se que as crianças autistas, possuem entraves no que concerne o segundo e terceiro tempo do circuito pulsional, ficando o autista fechado em um tempo auto erótico, sem conseguir receber os júbilos maternos ou se fazer objeto de desejo, para que se dê uma relação com os seus Outros.

A noção de sujeito para a psicanálise é considerada uma instância psíquica inconsciente, cujo bebê humano não nasce sujeito, mas se constituirá como sujeito. Ao nascer, o bebê é inserido em uma cultura, um campo social preexistente. Para o advento da constituição psíquica, é necessária a presença de um cuidador que articule as manifestações corporais do bebê ao campo da linguagem, dando-lhe sentidos e organizando o seu desenvolvimento cognitivo, físico, psicomotor, emocional e psíquico. Ao oferecer ao bebê um lugar ao qual ele

pode ser desejado, poderá então, se tornar um sujeito de desejo. (Kupfer; Pesaro e Bernardino, 2018)

Durante um tratamento considera-se a presença de dois sujeitos enlaçados no mesmo processo, pois uma psicopatologia não é um nome próprio e o tratamento é endereçado a um sujeito, aquele que porta um nome próprio e que traz consigo algumas características, entre elas, uma patologia, não sendo considerado como uma gama de conceitos diagnósticos, mas um indivíduo com uma história de vida e experiências subjetivas.

No tratamento de Gael, um menino de sete anos que possuía um repertório pouco simbólico de palavras, foi proposto atividades que pudesse dar retorno ao seu próprio gozo, de modo que ele pudesse reconhecer-se em sua fala e em seu próprio brincar. Por vezes trazia seu celular, cujo um dos temas em seus vídeos eram crianças jogando alimento aos animais e por fixar sua atenção, foi proposto colagem de milhos em uma folha previamente desenhada com um menino levando milho aos animais.

Após algumas construções terapêuticas como esta, ele demonstrou um brincar sincronizado com a aprendizagem, incluiu a terapeuta e pode apresentar o que já conhecia como cores, letras, formas e números, utilizando-se de canetinhas, vídeos, brinquedos e espelho. Gael utilizou o celular diversas vezes para se comunicar com a terapeuta, passando o celular de um objeto inanimado à um instrumento de trocas e novas formas deste menino se relacionar com a própria aprendizagem. Por este motivo não foi retirado bruscamente, mas utilizado como contorno.

A falta de uma borda em seu corpo, implicava-lhe não saber distinguir seu mundo auto sensorial do limite que compunha o próprio corpo, por esta razão foi pensado em propostas que pudessem dar contorno e que o ajudasse a se reorganizar. Com o passar dos atendimentos foi percebido um aumento de gestos em que ele espontaneamente olha para a terapeuta ou olha-se no espelho e se observa, tanto na instituição como em sua casa, fator fundante para a aquisição cognitiva de sua imagem especular, assim como houve um aumento considerável de falas espontâneas e significação.

É fundamental que a criança possa construir um vínculo amoroso, uma vez que a construção do laço libidinal e do prazer compartilhado promove o estabelecimento do laço com os outros. Da falta de laço, originam-se muitas dificuldades, como a leitura das formas de expressões da linguagem o que pode prejudicar a interação social, podendo a criança apreender uma forma mecânica de linguagem. Imposições objetivas podem submetê-las a introjeção de aprendizagens empobrecidas, pouco constitutivas, sem imaginário e sem significação. Com a

falha na construção do prazer compartilhado, o funcionamento corporal permanece mecânico ou repetitivo. (Kupfer, 2015)

Ao considerar aspectos do inconsciente da criança para demonstrar como as crianças com autismo, podem vir a estabelecer laços e deles construir aprendizagens. Constatou-se que a aprendizagem pode vir a ser terapêutica para a criança na escola, a partir da percepção de que o aluno leva a seu professor assim como ao seu terapeuta, aquilo que lhe ocorreu em sua história, daquilo que ficou marcado simbolicamente pela experiência e lhe é possível endereçar aos seus Outros. Aqueles capazes de ajudá-lo a ressignificar uma experiência traumática ou que pela primeira vez o coloque em um lugar diferente, supondo nele um sujeito desejante, que pode aprender e aprende.

## **REFERÊNCIAS**

KUPFER, Maria Cristina Machado (2000). Educação para o futuro: psicanálise e educação. In: Educação para o futuro: psicanálise e educação (p. 162-162) São Paulo, SP: Escuta.

Kupfer, M.C.M; Faria, C.A. Inafuku, C.K. (2010). O tratamento institucional do Outro na psicose infantil. Lugar de Vida, vinte anos depois. Exercícios de Educação Terapêutica. São Paulo: Escuta, p.129-144. [\[Links\]](#)

KUPFER, M. C. M. O impacto do autismo no mundo contemporâneo. Psicopatologia da Infância e da Adolescência. São Paulo: Escuta, p. 169-184, 2015.

KUPFER, Maria Cristina Machado; BERNARDINO, Leda Mariza Fischer; PESARO, Maria Eugênia. Validação do instrumento " Acompanhamento Psicanalítico de Crianças em Escolas, Grupos e Instituições" (APEGI). Estilos da Clínica, v. 23, n. 3, p. 558-573, 2018.

KUPFER, M.C.M., Pesaro, M.E. Davini, J. (2020). Práticas Inclusivas II Desafios para o Ensino e a Aprendizagem do Aluno-Sujeito. In Kupfer, M.C.M., & Castro, M.P. (orgs), Pressupostos e condições preliminares para uma Aprendizagem Terapêutica (p. 35-50) São Paulo, SP: Escuta.

KUPFER, M.C.M., Pesaro, M.E. Davini, J. (2020). Práticas Inclusivas II Desafios para o Ensino e a Aprendizagem do Aluno-Sujeito. In Pesaro, M.E., Davini, J. & Castro, M.P. (orgs), Recursos Pedagógicos para a Aprendizagem Terapêutica de alunos EE. (p.69-88) São Paulo, SP: Escuta.

LAZNIK, M.C. A Voz da Sereia (2004). O autismo e os impasses na constituição do sujeito. Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional. (p. 48-66) Salvador: Ágalma.

#### **NOTAS**

1 Lugar de Vida (LV) é um centro de Educação Terapêutica especializado no tratamento e na escolarização de crianças com problemas de desenvolvimento.

2 Educação Terapêutica, um conceito cunhado por Maria Cristina Machado Kupfer (2000) em seu livro “Educação para o futuro: Psicanálise e educação”

3 A denominação destes termos “crianças com entraves estruturais na constituição psíquica” (EECP ou EE) foi proposto pelos principais autores do livro Práticas Inclusivas em Escolas Transformadoras.